



**Entrevista:
Flávio Damm**

Paulo César Boni

Em defesa da fotografia de qualidade e das qualidades do fotógrafo

In advocacy of good photography and the points of photographer

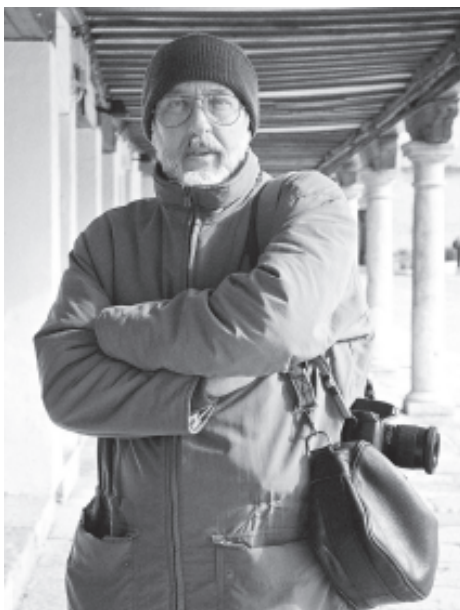
Por: Paulo César Boni*

Foi muito bom entrevistar Flávio Damm, uma pessoa esclarecida, firme em suas posições – muitas vezes polêmicas – e defensor intransigente da fotografia de qualidade e das qualidades do fotógrafo. Aos 85 anos, sem planos de aposentadoria, é um dos raros fotógrafos da época da fotografia analógica que ainda não migrou para as tecnologias digitais. Não migrou e, segundo ele, jamais migrará. O motivo? Ele diz que as tecnologias digitais estão acabando com a criatividade, o espírito crítico, a maturidade e a sensibilidade dos fotógrafos pelas facilidades que oferecem.

Flávio Damm trabalhou na revista *O Cruzeiro* nas décadas de 40 e 50. Naquele momento, ele, Ed Keffel, Eugênio Silva, Henri Ballot, Indalécio Wanderley, Jean Manzon, José Medeiros, Luciano Carneiro, Luiz Carlos Barreto, Marcel Gautherot, Geoge Torok, Pierre Verger e outros formavam o maior – e melhor – time de fotógrafos de imprensa a serviço de um único veículo de comunicação no Brasil.

Essas duas décadas foram o momento áureo do fotojornalismo na revista, marcadas pelas grandes reportagens, para as quais, redatores, repórteres e fotógrafos, não raro, viajavam durante meses, muitas vezes em condições bastante precárias. De forma clara e corajosa, Flávio Damm defende que nessa época a fotografia era de melhor qualidade e os fotógrafos eram mais bem preparados. Denuncia que, em razão da gratuidade do processo digital, esses valores estão se perdendo, tanto no resultado fotográfico quanto no nível cultural dos fotógrafos.

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Editor da revista *Discursos Fotográficos*. E-mail: discursosfoto@uel.br

Flávio Damm*Fotografia: Thelma Damm*

Entrevista

Paulo Boni – Flávio, eu gostaria que você falasse um pouco de como foi o seu início na fotografia.

Flávio Damm – Meu interesse pela fotografia começou aos 11 anos de idade. Eu era um menino bastante esperto e participante e lia, por cima dos ombros do meu pai, o *Correio do Povo*, principal jornal de Porto Alegre. Em 1939, quando tinha essa idade, comecei a ver as primeiras fotografias da invasão da Polônia pelas tropas alemãs e aquilo para mim, como para todos, era uma novidade, uma coisa chocante. Um dia eu perguntei ao meu pai: “Quem é que faz estas fotografias de guerra que a gente está vendo no jornal?” Ele respondeu: “É uma pessoa que vai para a guerra, com roupa de soldado, mas não leva armas, leva uma máquina fotográfica. Ele faz as fotografias porque as pessoas que não estão lá não podem ver cenas de batalhas, ele faz com que as pessoas

vejam a guerra, porque ele vê por mim, por você, pelos leitores como nós”. Naquele momento me deu um estalo mental, pensei: “Eu gostaria de ver as coisas por quem não as viu, para que os outros também vissem.” E foi naquele momento que eu “virei” fotógrafo, aos 11 anos de idade. Aos 13 eu ganhei uma maquininha *Kodak Baby Brownie*, de formato de filme 127, e comecei a fotografar de brincadeira. Eu morava em Porto Alegre e passava férias no interior do estado. Em 1943, durante esse período, fiz as minhas primeiras fotografias para valer e tomei gosto, fui me identificando com a ideia de que eu estava mostrando para pessoas o que elas não viram, então o meu sonho de menino. Ali nasceu, realmente, a minha profissão. Logo depois, aos 16 anos, publiquei a minha primeira fotografia na *Revista do Globo*. Eu era pré-universitário, contemporâneo do Luiz Carlos Barbosa Lessa, no Curso Clássico, me preparando para o vestibular em Direito. Mais tarde ele transformou-se em escritor regionalista e publicou mais de 60 livros. Éramos alunos Colégio Júlio de Castilhos, o mais importante do Rio Grande do Sul, pelo qual passaram alunos como Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura e outros notáveis da vida política brasileira. Lessa tinha relação com a revista e fizemos uma viagem à fazenda de gado de seu pai, em Piratini, quando fotografei gaúchos nas lides campeiras. Ele escreveu um texto, levou as minhas fotografias à *Revista do Globo* que as publicou e pagou pelo meu trabalho. A partir daquele momento, passei a fotografar como *freelancer*. Com 17 anos, pedi emprego na revista e fui contratado para auxiliar o mestre Ed Keffel, titular de fotografia da publicação. Um ano mais tarde, em 1947, ele deixou a revista para trabalhar em *O Cruzeiro* e eu, então com 18 anos, assumi o lugar que era dele. Ou seja, com 18 anos eu era o titular da fotografia na *Revista do Globo*. Foi tudo muito rápido.

Paulo Boni – Essa revista ainda circula?

Flávio Damm – Não. Ela começou em 1927 e encerrou atividades, salvo erro, em 1974. A Editora e Livraria do Globo também desapareceram nos anos 70. Hoje, no prédio da tradicional Livraria do Globo, na Rua da Praia, em Porto Alegre, existe um shopping de preços populares, vulgar: eu até choro quando passo no local, pois ela era uma

tradição muito forte no Rio Grande do Sul, editora de Érico Veríssimo, por exemplo. Então eu tomei gosto pela fotografia e, mais do que isso, comecei a fazer o verdadeiro fotojornalismo, “vendo por quem não viu”... Com o passar do tempo, pouco tempo, aliás, senti que Porto Alegre, apesar de ter três jornais importantes – o *Diário de Notícias*, o *Correio do Povo* e a *Folha da Tarde* – não teria mais horizontes profissionais e, assim, influenciado pelo Josué Guimarães, um jornalista de Porto Alegre que trabalhava na revista *O Cruzeiro*, e por outros amigos desta área profissional, decidi vir para o Rio de Janeiro: eu tinha “debaixo do braço” uma bagagem profissional pequena, mas importante. Eu era amigo do Jango [João Goulart], que depois foi presidente da República, e de outras figuras ligadas ao PTB [Partido Trabalhista Brasileiro], não por política, mas por frequentarmos o mesmo *rendez-vous*, a famosa Casa da Mônica, em Porto Alegre. Foi ali, nessa “casa de tolerância” – expressão de época, que nasceu o Partido Trabalhista Brasileiro e com ele a candidatura de Getúlio Vargas à eleição de 1950. Era uma ideia considerada quase impossível para um político deposto de uma ditadura de quase 15 anos ser candidato a presidente da República em uma eleição democrática. Era uma tradição, no Sul, os homens se reunirem para falar de política nas barbearias, nos botequins ou nos *rendez-vous*.

Paulo Boni – Desviamos um pouco o assunto... Que relação você teve com esse episódio?

Flávio Damm – O Jango me procurou e pediu para eu pautar com a *Revista do Globo* o que seriam as primeiras fotografias do Getúlio Vargas em seu auto-exílio em São Borja, na Fazenda do Ité. Durante os três anos em que permaneceu recluso, ele recebeu jornalistas do mundo inteiro, mas jamais permitiu a presença de fotógrafos. Fazia três anos, portanto, que não se viam fotografias recentes do Getúlio Vargas, sua imagem era vista somente por fotografias antigas. Foi quando o Jango explicou: “Essa é a oportunidade que temos de mostrar como ele está. Afinal, ele é uma figura de prestígio, uma figura pública de grande aceitação.” Surgiu ali o “Queremos Getúlio”, o famoso *movimento queremista* de 1950. Fui para a fazenda, passei uns dias lá e fiz as primeiras

imagens do “velho” GV, depois dos três anos de abstinência: coincidentemente eu estava lhe fotografando dia 29 de outubro de 1948, no dia em que se completavam três anos de sua deposição. A *Revista do Globo* publicou uma fotografia na capa e outras em uma longa reportagem, de oito páginas, intitulada *A longa viagem de volta*, título, aliás, muito sintomático. Agora, para voltar à sua pergunta, foi um exemplar dessa revista que eu trouxe “em baixo do braço” quando vim para o Rio de Janeiro tentar um emprego na *O Cruzeiro*. Cheguei em dezembro de 1949. Fui até a sede de *O Cruzeiro*, procurei pelo diretor, Leão Gondim, me apresentei, mostrei-lhe o trabalho pedi emprego. Ele me perguntou se eu tinha equipamento próprio, respondi que sim. Perguntou se eu podia viajar. Respondi que sim. Perguntou quanto eu ganhava na *Revista do Globo*. Respondi que ganhava Cr\$ 1.500,00 (mil e quinhentos cruzeiros). Ele disse que não poderia pagar mais que isso, mas faria um teste comigo. Três dias depois eu estava em Campina Grande, na Paraíba, acompanhando o Dr. Assis Chateaubriand (dono do grupo Diários Associados) na inauguração da Rádio Borborema...

Paulo Boni – Já contratado?

Flávio Damm – Ainda não. Leão queria ver o meu trabalho. Fui, fotografei e mandei os filmes, porque eles pediram para eu ficar no Recife, pois ficaria muito caro deslocar um fotógrafo do Rio de Janeiro à capital pernambucana, visto que eu já estava lá perto. Pautaram-me para ilustrar um roteiro de livro do escritor Gilberto Freire. Fotografei, mas não sei se o livro foi publicado. O José Medeiros, que eu não conhecia pessoalmente, mas que viria a ser meu cunhado mais tarde, examinou os filmes que eu havia enviado do Recife para a redação da revista no Rio de Janeiro e deu o parecer de que eles estavam perfeitos, com nitidez e boa qualidade fotográfica. E foi mais longe quando falou para o secretário de redação: “O cara é bom fotógrafo.” Quando retornei, a reportagem feita na Paraíba já havia sido publicada e *O Cruzeiro* confirmou que eu já fazia parte da sua equipe. Pagaram-me o meu primeiro salário, em espécie, dentro de um envelope, três mil cruzeiros: Perguntei ao Leão Gondim se estavam me pagando dois meses de salário. Ele me disse que não, que meu salário

seria Cr\$ 3.000,00 e não os Cr\$ 1.500,00 combinados. Recebi, assim, um aumento antes mesmo de haver recebido o primeiro salário.

Paulo Boni – Em uma semana, duas personalidades: Assis Chateaubriand e Gilberto Freire...

Flávio Damm – Dei sorte! Depois disso fui ao Rio Grande do Sul acertar a minha vida, me despedir dos meus pais, da família e dos amigos, minha mãe chorou muito. De volta ao Rio de Janeiro, fui morar em uma pensão. Depois fui morar com o José Medeiros, que era casado, tinha dois filhos e morava em um apartamento grande.

Paulo Boni – Desculpe a pergunta, mas qual sua relação de parentesco com o José Medeiros?

Flávio Damm – Éramos cunhados. Me casei com a irmã dele, minha primeira esposa, mãe de meus filhos.

Paulo Boni – Me desculpe! Voltemos à revista *O Cruzeiro*. Você começou a viajar...

Flávio Damm – Eu calculo que tenha feito entre 430 e 440 reportagens para a *O Cruzeiro* durante os dez anos que permaneci na revista. Fiz de tudo, fotografei revoluções, sofri um acidente durante um tiroteio na Bolívia, outro no Maranhão, estive no meio de belas confusões e tiroteios, fui preso na Argentina, peguei malária 3 vezes, fui correspondente nos Estados Unidos, cobri o primeiro lançamento de um foguete espacial americano, o “Vanguard”, em Cabo Canaveral, cobri a Coroação da Rainha da Inglaterra, a eleição de Eisenhower nos Estados Unidos, enfim, viajei muito e aprendi muito convivendo com grandes profissionais nessas coberturas.

Paulo Boni – A Elizabete, essa que ainda é a rainha da Inglaterra?

Flávio Damm – Sim, ela passou de princesa a rainha em 1952, mas a coroação mesmo foi só em 1953, quando passou de rainha de fato a rainha coroada, de direito. Mas a coroação mesmo foi em 1953, e eu tive a oportunidade de cobrir. Fiz muitas viagens internacionais e para

todos os cantos do Brasil, fiz matérias no sertão, uma procissão de autoflagelação nas margens do Rio São Francisco, em Xique-Xique dos Bundão... Enfim, fiz tudo o que me mandaram fazer e mais o que eu inventei, porque na *O Cruzeiro* tinha uma área de trabalho da qual eu gostava muito, que eram as páginas abertas para acontecimentos como festas, procissões, romarias e acontecimentos raros. Recebíamos muitas cartas na redação, sugerindo matérias, pois a revista tinha grande penetração em todas as partes do país. Havia colegas fotógrafos que não gostavam muito de viajar, tinham medo de voar, sei lá do quê, alguns eram acomodados mesmo. Eu, pelo contrário, adorava viajar, encarar o desconhecido.

Paulo Boni – As condições do sertão eram muito ruins naquele tempo?

Flávio Damm – Muito, mas valia a pena, especialmente quando eu pegava uma carta que chegava à redação e me interessava pelo assunto, ia sem pestanejar, encarava qualquer assunto, interiorizei muito. Fiz expedições com o Orlando Vilas Boas, razão de boa parte das minhas malárias. Procurando assunto, saí atrás de uma mulher, a dona Francelina Pereira, no sertão interior da Bahia, mulher que casou 13 vezes e ficou viúva 12. Também fiz uma pesquisa sobre Lampião, o rei do cangaço, levantei o assunto da irrigação do nordeste pelas águas do Rio São Francisco, repeti a Descoberta do Brasil, em Porto Seguro, mandando construir uma embarcação semelhante, em tamanho, à nau de Pedro Álvares Cabral. *O Cruzeiro* topava muita maluquice da gente. Esta foi uma que inventei por ocasião da vinda do presidente Craveiro Lopes, de Portugal, ao Brasil... Acabei caindo no mar com três câmeras Leica.

Paulo Boni – Historicamente, *O Cruzeiro* é considerada uma revolução no fotojornalismo. Ela era, de fato, uma revista à frente de seu tempo? Ou a gente a pinta mais bonita do que ele era? A revista *O Cruzeiro* era de fato objeto de desejo de 10 entre 10 repórteres?

Flávio Damm – Era. Era o desejo de todos os fotógrafos da época, éramos chamados de “príncipes da imprensa brasileira”. A revista pagava um belíssimo salário, eu não conseguia gastar todo o dinheiro que eles me

pagavam. Ela oferecia boas condições de trabalho para seus repórteres, às vezes fretávamos um avião para nos levar para algum lugar – eu mesmo fiz isto mais de uma vez – e ele ficava lá, piloto junto, é claro, quatro ou cinco dias, esperando a gente finalizar o serviço. Mas, por outro lado, era descuidado, nunca fez um seguro de viagem para ninguém; se acontecesse alguma coisa com o repórter, o cara e sua família estavam ferrados. A revista era meio acéfala. Tinha um diretor chamado Leão Gondim, primo do Dr. Assis Chateaubriand, que era um homem muito limitado, de poucas letras, casado com a filha de um banqueiro de São Paulo... Tinha pouca visão da coisa administrativa.

Paulo Boni – Não era uma pessoa visionária, de projetos...

Flávio Damm – Nada. O que ocorria é que *O Cruzeiro* tinha aquela fama toda, destacava o trabalho dos fotógrafos pelos resultados que a imprensa em geral ainda não obtinha, nem conhecia, como a página inteira, a página dupla, a valorização da imagem fotográfica, seis a oito páginas para uma reportagem. Por exemplo, a revista abria a edição com uma reportagem de seis páginas e a fechava com outra reportagem de seis páginas. Mas também tinha limitações. Havia alguém, não vou citar o nome porque essa pessoa já morreu, que defendia que a capa deveria ser um cromo comprado através de agência, fotografia de artista de cinema americano ou europeu, pois ela se beneficiava financeiramente com a comissão da compra. A revista também publicava matérias produzidas no exterior, compradas de uma agência, beneficiando gente da redação, da “cozinha” da revista. Isso nos prejudicava porque parte do espaço da revista passava por sua decisão e ele comprava assuntos vulgares, de relativo interesse público. Como as páginas da revista *O Cruzeiro* eram motivo de filas de anunciantes, essas coisas passavam meio despercebidas. Havia também outros interesses, a distribuição, por exemplo, era feita exclusivamente com caminhões de propriedade de uma personalidade importante de dentro da revista. E mais, eles só abasteciam as viaturas em uma rede de postos de combustível, que era dessa mesma figura. O caminhão saía do Rio de Janeiro para levar revistas ao Piauí, por exemplo, e, no caminho, só abastecia nos postos desta rede implantada por pessoa ligada à direção da revista.

Paulo Boni – Para isso não havia censura...

Flávio Damm – Nós sabíamos dessas estratégias, mas, mesmo assim, trabalhávamos com entusiasmo, porque nosso salário estava sempre em dia e tínhamos razoável liberdade de publicar o que fazíamos. Mas, por falar em censura, em um determinado momento *O Cruzeiro* começou a ser censurada, internamente, sob influência da Igreja. A Dona Lili (que era casada com o diretor Leão Gondim) era muito ligada ao Dom Helder Câmara e, por conta disso, eu e outros repórteres tivemos reportagens censuradas. As matérias iam para a dona Lili no fechamento da revista e eram, algumas vezes, burramente censuradas. Algumas matérias que escaparam dessa censura e, depois, resultaram em escândalos internos. Um bom exemplo disso é a história de Adão e Eva, do Millôr Fernandes. O trabalho do Millôr era fantástico, ninguém tinha a petulância de cortar uma única linha escrita por ele. Suas matérias saíam de suas mãos e iam praticamente direto para a oficina. Então, ninguém mexeu na história de Adão e Eva: a história escrita e ilustrada foi publicada, houve uma grita da Igreja, que desencadeou um processo e a revista demitiu o Millôr. Foi uma briga para indenizá-lo. Ele alegava que nunca pediu, nunca exigiu, nunca proibiu, nunca tomou conhecimento se liam ou não suas matérias. O fato é que ninguém tinha coragem de mexer no que ele escrevia e, em uma ausência do secretário de redação, no dia de “fechar” a revista, os originais foram – sem serem ao menos lidos por quem deveria fazê-lo – levados para a impressão. Então, *O Cruzeiro* tinha um lado positivo e um lado negativo.

Paulo Boni – Ironia do destino, afinal mais tarde o próprio Dom Helder acabou censurado e perseguido. Podemos dizer que a Igreja atrapalhou um pouco a revista?

Flávio Damm – Não propriamente. A gente sabia que a revista passava por essa censura, alguns assuntos não deviam ser abordados. Vou te dar um exemplo. Uma vez fui fazer a matéria da tal mulher que casou 13 vezes e viuviu de 12 maridos, a dona Francelina Pereira. Foi uma viagem penosa, fui de Salvador para Rui Barbosa de táxi aéreo; de Rui Barbosa para Piritiba fui de jipe, dirigindo. De Piritiba para Mundo Novo, onde morava a tal mulher, distante oito quilômetros, fui a pé porque

não havia estrada. Tomei muito sol do sertão. Mas cheguei lá e fiz a matéria. Tive que dar dinheiro para ela se deixar fotografar, fiz aquele trabalho todo...

Paulo Boni – Você também escreveu ou só fotografou?

Flávio Damm – Escrevia em muitas matérias que fiz sozinho, texto e fotos. Eu sempre li muito e quem lê, escreve e fala. Dos 13 maridos de dona Francelina, 12 morreram, três cometeram o suicídio, dois fugiram para sempre, outros foram morrendo aos poucos de exaustão... Voltei com a história de dona Francelina e seus 13 maridos. Ela mesma havia me dito que era insaciável e que acreditava que a maioria de seus maridos havia morrido por excesso de sexo. Intrigado, ao chegar ao Rio de Janeiro e antes de escrever a matéria fui consultar um ginecologista. Ele me disse que ela sofria de “furor uterino”. Escrevi a matéria e a entreguei na redação. Quando bateu na mão da dona Lili, conhecida como “o lápis vermelho do Dom Helder”, a matéria foi censurada por causa do termo “furor uterino”. Houve uma frase que dona Lili bradou ao ler o meu texto: “Onde é que o Flávio Damm está com a cabeça quando fala de doença igual a esta nas páginas da *O Cruzeiro*?” Isso me doeu. Percebi que a revista estava bitolada, escravizada. A censura é uma coisa inadmissível, inaceitável, ainda mais feita pela dona Lili, que nem jornalista era e por um padre, o Dom Helder. Um fato raríssimo, uma mulher que casou 13 vezes e ficou viúva 12, sem haver matado nenhum ex-marido. Ela não era uma assassina, havia um motivo médico, tudo explicado no texto e a matéria não foi publicada por causa do furor uterino...

Paulo Boni – Historicamente, o Jean Manzon implantou inovações importantes no fotojornalismo da revista *O Cruzeiro*. Quando ele chegou ao Brasil foi trabalhar no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e fez fotografias belíssimas do “Brasil grande” que o Getúlio queria mostrar. Depois ele foi para *O Cruzeiro* e é tido como uma lenda do fotojornalismo, isso tudo procede ou tem algum exagero?

Flávio Damm – Eu não gosto de falar de pessoas mortas porque elas não podem se defender. O Manzon para mim era um fotógrafo de

mão cheia, mas não era um fotojornalista. Ele não tinha a dinâmica do José Medeiros, do Eugênio Silva ou do Luciano Carneiro. Ele era um fotógrafo – como foi no DIP – fazedor de fotografia posada. Ele trabalhava com um assistente, não fotografava eventos de rua, em geral, ele fotografava em ambientes fechados, exclusivos, e fazia reportagens de conteúdo discutíveis, como a que derrubou o Barreto Pinto.

Paulo Boni – O deputado Barreto Pinto? O primeiro caso de cassação por falta de decoro parlamentar?

Flávio Damm – Isso. O deputado de 300 votos. Era uma figura notória, engraçada, folclórica. O que o Manzon trouxe para nós foi a implantação de uma nova imagem para o fotógrafo brasileiro, que, antes era muito mal visto, pessoas da sociedade proibiam a entrada de fotógrafos em suas festas porque eles roubavam talheres, roubavam copos e taças, roubavam toalhinhas de banheiro...

Paulo Boni – Supostamente ou comprovadamente?

Flávio Damm – Comprovadamente. Eu mesmo vi alguns fazerem isso. Eles não se vestiam adequadamente, tinham um aspecto muito descuidado, especialmente pelos baixos salários que ganhavam. As condições de trabalho eram muito ruins. O fotógrafo de um jornal do porte, de um *Correio da Manhã*, por exemplo, saía da redação com uma lâmpada e ordem de fazer só uma fotografia do evento. Com o Manzon isso mudou. Nós usávamos boas roupas, gravata, sapato engraxado, cabelo cortado, barba feita, tínhamos outro padrão de vida, financeiramente incomparável. Nós nunca fomos barrados em qualquer festa social. *O Cruzeiro* nos pagava bem, pagava roupas especiais, tanto que eu e outros colegas compramos *smoking* pago pela revista. Esse é um grande mérito do Manzon, ele “trouxe” para o panorama profissional brasileiro um fotógrafo que frequentava salões, que se vestia adequadamente. Tínhamos carro, posição social, gozávamos férias fora do Rio, fruto da nova mentalidade implantada em *O Cruzeiro*. Salários diferenciados, equipamentos modernos, liberdade para gastar três, quatro, cinco rolos de filme por reportagem. Quando a gente viajava, levava caixas de

lâmpadas fechadas [cada caixa tinha 100 lâmpadas] e muitos filmes e, na volta, não tinha que ficar prestando contas do que gastou e do que não gastou, não havia limitação. Então o que houve na revista *O Cruzeiro*, como fruto da presença do Jean Manzon, foi uma nova visão e uma nova aceitação do profissional de fotografia como uma figura marcante na imprensa brasileira.

Paulo Boni – Crédito nas fotografias, o Manzon respeitava?

Flávio Damm – Crédito nas fotografias, rigoroso. Enfim houve uma mudança da água para o vinho com sua entrada na revista. Agora, até pela idade – ele era um pouco mais velho que nós –, ele nunca trabalhou com a mesma dinâmica de fotojornalismo de um José Medeiros, que se enfiou por 15 dias no desconhecido mundo do candomblé da Bahia; de um o Eugênio Silva, que viajou a cavalo, acompanhando o Guimarães Rosa, para fotografar o roteiro de *Grandes Sertões Veredas*; de um o Luciano Carneiro, que foi para a África fotografar leprosos em uma colônia mantida por um médico suíço; de mim próprio, que fui para o fundão da Bahia fotografar a cerimônia de autoflagelação. Enfim, o Manzon não tinha o dinamismo do fotojornalismo que estava nascendo pela ação dos novos repórteres fotográficos de nossa geração, ele era um profissional de fotografias sofisticadas, produzidas. Mas isso não depõe contra ele, muito menos contra a qualidade de seu trabalho, apenas era seu estilo. O trabalho do Manzon era impecável, sua fotografia era magnífica, seus filmes nem eram revelados no laboratório da redação da revista, pois ele tinha um laboratório que trabalhava para ele. Ele era o dono de sua produção. Seus negativos não ficaram na revista; os meus – das fotografias publicadas – e de toda a equipe estão no arquivo de *O Estado de Minas* (jornal do grupo Diários Associados), pois *O Cruzeiro* os passou para lá. Parte está comigo, a que não foi utilizada pela revista. Então o Manzon trouxe uma nova visão, uma nova configuração comportamental – e até física – do fotógrafo europeu para o fotógrafo brasileiro. Mudou tudo, mudou o salário, o respeito, o crédito pelo trabalho realizado e tudo isso é herança do Manzon, justiça seja feita. Mas, quanto ao trabalho eu não posso comparar o trabalho dele com o do Luciano Carneiro, que saltou de paraquedas na Coreia...

Paulo Boni – Aliás, Flávio, por falta de bibliografia, eu gostaria que você falasse um pouco do Luciano Carneiro, do Eugênio Silva, do José Medeiros, que publicaram um livro lindíssimo sobre sua obra, *O Olho da rua...*

Flávio Damm – No caso do livro do Zé Medeiros (assim chamado) é pena que o livro tenha texto demais. Um livro de fotografia com mais texto do que fotografia... Outro livro do Medeiros é o *Candomblé*, hoje encontrado apenas em “sebos”, mas nunca vendido por menos que mil reais.

Paulo Boni – Então, vamos lá: Luciano Carneiro.

Flávio Damm – O Luciano, de família humilde, ainda menino trabalhava em um jornal no Ceará. Ele veio para o Rio de Janeiro muito jovem, aos 19, 20 anos. Ele era piloto, com brevê, e veio ao Rio em uma “revoada” de nordestinos em aviões monomotores e aproveitou para fotografar. Essa revoada chamou a atenção do José Medeiros, que também era nordestino, piauiense, que fez uma matéria a respeito, lançando o Luciano, um cearense esperto e bom caráter. Ele já estava entrando para a equipe, pela mão do Medeiros, quando *O Cruzeiro* publicou suas fotografias da revoada. Deram a ele uma segunda tarefa, que ele cumpriu direitinho e foi então contratado, escrevia e fotografava. Desde cedo, lia muito sobre fotografia e praticava a fotografia humanista de Eugene Smith e Cartier-Bresson, era um autodidata, um excelente fotógrafo. Estudou línguas, falava mal várias línguas, mas dava para se virar. Foi para a França, onde ficou uma temporada grande. Era ele que acompanhava as visitas do Dr. Assis Chateaubriand à Europa. Ele era muito operativo, muito dinâmico, topava cobrir qualquer assunto. Para a cobertura da Guerra da Coreia, o José Medeiros, ele e eu nos apresentamos como candidatos. Ele foi escolhido porque dos três era o único solteiro e era paraquedista. Lá, em um determinado momento, ele procurou um comando americano para acompanhar um salto de tropas e o comando aceitou. Ele saltou e fez sua matéria. Depois cobriu muitos outros assuntos internacionais, fotografava com 35mm, em preto e branco, como o Zé Medeiros e eu, nada de cor. Era um excelente fotógrafo.

Paulo Boni – Em que ano foi isso?

Flávio Damm – Em 1954. Ele foi e voltou como herói. Depois viajou pelo Brasil todo, foi para a África. Em Lambarene [África], fez uma matéria magnífica: entrevistou e fotografou um médico que mantinha uma colônia de leprosos. Na Itália entrevistou um padre de cujas mãos sangravam na Semana Santa. Ele furou barreiras, ele foi buscar os assuntos e os trouxe... Mas essa mania de furão lhe custou caro...

Paulo Boni – Você está se referindo ao acidente aéreo?

Flávio Damm – Sim. Coisa burra! Ele foi a Brasília fotografar um desfile de *misses*, o primeiro concurso acontecido na nova capital. Foi ele que pediu para ir, pois ainda não conhecia a nova capital. Na volta, o seu avião fez uma escala em São Paulo e ele se encontrou com o Elder Martins, um colega cearense. O Elder disse que havia chegado do Rio de Janeiro em um avião novo da Vasp, que estava fazendo a ponte-aérea e voltaria para o Rio dali a alguns minutos. Então o Luciano fez uma maluquice completa: foi ao balcão da Cruzeiro do Sul [companhia aérea em que estava viajando] e pediu para tirarem sua bagagem do avião, que ele não iria mais para o Rio. Mentira! Ele correu para o balcão da Vasp e comprou uma passagem, queria conhecer o avião novo. Resultado: o avião se chocou com uma aeronave de treinamento da FAB [Força Aérea Brasileira] e caiu nos subúrbios do Rio de Janeiro, no final do pouso.... Morreram todos, tripulantes e passageiros, dia 22 de dezembro de 1959. O Luciano Carneiro foi muito importante para a fotografia, pois enfrentava boas e más situações, mas ele se impunha na hora da paginação... eu quero assim, eu quero assado, discutia com a direção, com o secretário de redação... Nessa hora ele era carne de peçoço.

Paulo Boni – Agora eu fiquei com uma dúvida. Ele havia ido fotografar o concurso de miss Brasília, mas, em 1959, Brasília ainda não havia sido inaugurada...

Flávio Damm – Não. Mas foi um concurso de miss que fizeram lá, acho que era coisa de candango. As fotografias foram publicadas na *O Cruzeiro*, o filme queimou, em parte, no acidente, mas conseguiram salvar alguma coisa.

Paulo Boni – E o Eugênio Silva?

Flávio Damm – O Eugênio Silva era fotógrafo de jornal em Minas Gerais, muito meu amigo, boa gente, dois metros de altura, boa figura, sério, bom fotógrafo, tinha uma história de fotógrafo de jornal em Minas Gerais. Era fotógrafo do escritório da revista *O Cruzeiro (Bureau)* em Belo Horizonte, cujo redator era o Álvares da Silva. Apesar do mesmo sobrenome, eles não eram parentes. Nesse trabalho, ele fotografou muitas cidades históricas, fez uma série de viagens pelo interior, uma delas a cavalo com o Guimarães Rosa, cobriu o *Grande Sertões Veredas*, fez cenas típicas do interior de Minas, como o casamento de pessoas simples, conheceu tribos de índios no Brasil Central, fez carnaval no Rio, viajou para o exterior, era bom caráter, um cara excelente, tínhamos uma relação muito boa. Ele era amigo do Juscelino Kubitschek e ajudou muito na boa relação da revista com o JK. O Eugênio era um grande contador de histórias. Morreu há poucos anos, perto de Belo Horizonte, às margens do Rio das Velhas, onde gostava de pescar aos finais de semana...

Paulo Boni – Vamos falar um pouco do José Medeiros?

Flávio Damm – O José Medeiros era uma figura muito especial. Ele era respeitado na *O Cruzeiro*, todo mundo gostava dele, era um excelente fotógrafo, mas um “porra louca” total. Certa vez ele estava cobrindo uma festa acompanhando o Dr. Assis Chateaubriand que ia lhe pedindo fazer as fotografias que queria: fotografe essa moça, fotografe esse senhor, fotografe esse grupo e por aí afora... E o Zé Medeiros disparando *flash* para cá, *flash* para lá. Em um determinado momento o Dr. Assis perguntou-lhe: “seu Zé, por acaso o seu filme é de borracha?” “Como assim, Dr. Assis?”, reagiu o Zé. “Meu filho, você já fez 16 fotografias com esse filme e ele só tem 12 chapas, pois não?”, ironizou o chefe maior dos Diários Associados. Medeiros havia levado na bolsa pouco filme e muita lâmpada. Quando acabaram os filmes, ele passou a apenas disparar o *flash* para disfarçar sua falha. Pensou que estivesse enganando “o velho”, mas foi pego em flagrante... O Zé andava sempre com uma gravata borboleta no bolso, à noite ele saía para a boemia e casualmente o chamavam para cantar em casa noturna, ou sapatear...

Paulo Boni – Ele cantava também?

Flávio Damm – Cantava e sapateava, ele era boêmio, apesar de casado e com dois filhos, que, aliás, são meus afilhados. Uma vez ele foi para Paris, acompanhado do Dr. Assis, para fazer uma matéria importante, para a qual o Dr. Assis queria seis páginas da revista. O Zé voltaria antes e traria os filmes para revelar. Estava tudo acertado, ele chegaria em um sábado de madrugada, revelaria os filmes e o pessoal da redação faria a matéria para publicação na revista, que chegaria às bancas na terça-feira de manhã. No sábado de manhã me ligaram: “Você sabe do Zé?” Ele não havia aparecido para entregar os filmes no laboratório. Saí desesperado para o aeroporto para checar a lista de passageiros: ele havia desembarcado. Chequei se havia acontecido algum acidente na via do aeroporto à cidade, nada. Fui a hospitais e ao Instituto Médico Legal. Do Medeiros, nenhuma notícia. Ele só apareceu na segunda-feira e encontrou todo mundo em pânico, preocupados com o sumiço do Zé... A explicação dele: “Quando desembarquei, encontrei a Araci de Almeida, que me convidou para a inauguração do *Juca’s Bar*, em São Paulo. Fui e acabei me esquecendo de deixar os filmes no laboratório”. O pessoal da redação inventou uma explicação para o Dr. Assis, que ficou muito bravo. Achamos que “cabeças iam rolar” na redação. Tiveram que “arrumar” outra reportagem para cobrir o buraco que ele havia causado na revista. Ele bem que poderia ter deixado os filmes em qualquer lugar, pois nós dispúnhamos de envelopes nos quais estava escrito: “Este envelope contém filmes de reportagem da revista *O Cruzeiro*. Pede-se a quem o encontrar o favor deixá-lo na sede da mesma, à Rua do Livramento, 203, bairro da Saúde.” Qualquer um que encontrasse o envelope teria prazer em levá-lo à revista, pois *O Cruzeiro* gozava de grande prestígio popular.

Paulo Boni – Poderia pagar um motorista de táxi para levar os filmes...

Flávio Damm – Claro, mas ele era um irresponsável de diploma, fazia estas coisas com uma naturalidade fantástica. Resultado, suspensão por 30 dias. Foi o primeiro e único caso de suspensão na história da revista. Mas isso não compromete sua imagem de profissional competente. Ele era o “Papa” do fotojornalismo. Para mim, ele era realmente o “cara”.

Ele fez aquele trabalho fantástico do candomblé, que resultou em um bellissimo livro, único no gênero. Você pega o livro e vê que as fotografias são de uma qualidade fantástica, e ele fez tudo em condições precárias, porque o *flash* pifou e ele não podia sair da “camarinha”. Ele entrou para ficar 15 dias fechado no terreiro e lá ficou, de fato. O Zé fez essa matéria das “Noivas de Sangue”, que resultou naquele rolo todo: o pessoal do candomblé se desentendeu por razões que desconheço, acabou se irritando, se sentindo traído e tudo isso acabou provocando a morte da mãe-de-santo. Depois de sair da *O Cruzeiro*, ele trabalhou comigo na Image, agência de fotografia que eu fundei, a primeira no Brasil. Mas não era do gosto dele o tipo de trabalho a que me propus fazer.

Paulo Boni – Ele gostava mais da rua?

Flávio Damm – Muito mais. Aliás, ele só gostava da rua. Quando ele veio trabalhar comigo, eu chegava às sete da manhã e ele ao meio-dia, aí ficava complicado... Mas sempre tivemos uma relação familiar muito boa.

Paulo Boni – Desculpe mudar de assunto, mas o Ed Keffel veio do Rio Grande do Sul?

Flávio Damm – Ele veio da Alemanha, em 1936, e foi para o Rio Grande do Sul e de lá ele veio para cá [Rio de Janeiro].

Paulo Boni – Você veio do Rio Grande do Sul; o Ed Keffel da Alemanha; o José Medeiros do Piauí; o Luciano Carneiro do Ceará; o Eugênio Silva de Minas Gerais; o Jean Manzon da França... Afinal, não havia fotógrafo no Rio de Janeiro?

Flávio Damm – Observação interessante essa sua, pois o Indalécio Wanderley era cearense, o Luiz Carlos Barreto também.

Paulo Boni – O Ceará me parece uma boa escola de fotografia. Tinha lá o Chico Albuquerque, o José Albano...

Flávio Damm – O Chico, muito meu amigo, ele não foi de *O Cruzeiro*, era um grande fotógrafo. Também tínhamos o George Torok, que era de São Paulo. Do Rio de Janeiro praticamente não tinha ninguém... Mas foi uma época muito boa, tenho muito boas lembranças de *O Cruzeiro*,

apesar de alguns dirigentes despreparados, como o José Amádio, um secretário de pouquíssima instrução, o Leão Gondim, uma pessoa de poucas luzes, o Acioli Neto, que era um médico frustrado. Os fotógrafos da *O Cruzeiro* eram proibidos de ter outro emprego. Um dia eu estava na porta do Palácio do Catete, esperando para fazer uma matéria com o presidente Getúlio Vargas e me encontrei com o Jango, então Ministro do Trabalho. Ele chegou perguntando o que eu estava fazendo ali. Eu respondi que trabalhava na *O Cruzeiro*. Perguntou quanto eu ganhava. Respondi. Ele me disse: “Passa lá no Ministério que eu te nomeio, tu nem precisas ir lá, continuas na tua revista, apareças uma vez por mês para assinar o ponto dos 30 dias.” Nunca apareci.

Paulo Boni – *O Cruzeiro* comungou com o poder nos 12 anos em que você esteve lá?

Flávio Damm – Sim e não. *O Cruzeiro* sempre teve uma boa relação com o governo. Houve críticas, sim, mas ela se beneficiava de matérias pagas de organismos oficiais, como o departamento do café, o departamento de estradas... Com isso a revista criou e manteve uma relação boa com os governos estaduais e federal. Também havia uma identificação muito forte da revista com o Senado e com a Câmara, mas aquele tempo não havia essas barbaridades que a gente vê hoje na política. Mas quando era preciso bater, a revista batia. Uma vez o José Medeiros fotografou corajosamente uma reunião na Câmara de Maceió, em Alagoas. Era uma reunião para recondução ao cargo de um vereador que havia sido cassado. O colunista político da revista, Carlos Castelo Branco, o Castelinho, um cara que sabia das coisas, que tinha muitas *inside information* recomendou mandarem o Zé para Maceió. Ele foi cobrir a reunião. Em certo momento, começou a estranhar que, apesar do calor, alguns parlamentares chegavam de capa. Embaixo das capas traziam metralhadoras e o tiroteio rolou feio. E o Zé fotografou tudo.

Paulo Boni – Nossa! Até parece coisa do Tenório Cavalcanti...

Flávio Damm – Aliás, fui eu que fiz a primeira fotografia do Tenório Cavalcanti ostentando uma metralhadora com uma capa preta. O José Leal fez a matéria e eu fiz as fotografias. A fotografia ganhou página inteira

na revista. Foi uma fotografia posada do Tenório com a Lurdinha, como ele chamava carinhosamente sua metralhadora. *O Cruzeiro* não tinha ligação ou predileção por um partido político, não. O Dr. Assis foi candidato a Senador pelo PSD [Partido Social Democrático] e eu acompanhei suas três campanhas, duas na Paraíba e uma no Maranhão.

Paulo Boni – Então, o Sarney se inspirou no Chateaubriand? (risos)

Flávio Damm – Quem sabe? O Chateaubriand foi eleito senador. Depois foi nomeado embaixador do Brasil na Inglaterra. Foi o Luciano Carneiro que cobriu sua posse em Londres. Do Dr. Assis ficaram muito boas histórias. Uma vez ele foi para Paris e quem o acompanhou por lá foi o fotógrafo Luiz Carlos Barreto, que estava começando a fotografar. Houve um almoço em Cannes, oferecido pela Sra. Clare Boothe Luce, viúva do Henry Luce, criador da revista *Life*. Chatô chamou o Barreto para ir junto, mas alertou-o que não seria para fotografar e sim para mantê-lo acordado, pois ele dormia com muita facilidade, fosse onde fosse: avião, carro, palestras, conferências, reuniões, em todos os lugares. Ele disse para o Barreto que sentasse à sua frente pois, pelo cerimonial, estava previsto que ele ficaria ao lado da Sra. Clare, “que é uma chata”, segundo suas palavras, e “quando eu dormir você me acorda, me cutuca na canela”. Não deu outra, era o Dr. Assis começar a cochilar e o Barreto o cutucava, novo cochilo, nova cutucada. Até que as cutucadas não estavam resolvendo mais e o Barreto deu-lhe um pontapé tão forte que machucou a perna do patrão... Sangue, enfermaria... E o Barreto ainda saiu como culpado pelo favor que fizera. Só ele, Barreto, e eu ainda estamos vivos dessa equipe da revista *O Cruzeiro*.

Paulo Boni – Como foi o processo de mudança de equipamentos fotográficos na *O Cruzeiro*?

Flávio Damm – *O Cruzeiro* tinha no almoxarifado um estoque enorme de câmeras Rolleiflex, filmes 120mm e lâmpadas para *flash*. Uma vez o Pierre Verger, muito amigo nosso, apareceu no Rio com uma câmera muito velha, surrada. Discretamente, eu e o José Medeiros falamos com o Leão Gondim: “O Verger não pode continuar fotografando com esta

câmera velha.” O Leão mandou chamar o rapaz do almoxarifado e mandou-o trazer uma Rolleiflex novinha e entregar para o Verger. Nem pestanejou, pois havia uma “porrada” de câmeras no almoxarifado. Eu tinha duas ou três “Rollei”, o Zé também tinha duas ou três, filmes e *flash* à vontade. Tudo 6x6mm. A linguagem da época era a do 6x6mm.

Paulo Boni – Era a linguagem do umbigo?

Flávio Damm – Linguagem de visualização pelo umbigo, aquele visor infeliz, eu não gostava, era muito limitador da nossa ação. Eu e o Zé tínhamos um esquema: quando estávamos viajando, vez ou outra, mandávamos um telegrama para a redação avisando que o *flash* tinha dado problema e que, em razão disso, precisaríamos fotografar com a Leica, câmera de uso extrarreportagem equipamento de caráter pessoal, próprio. Eu praticava Leica de 35mm, que usava desde 1946. Muitas fotografias do meu acervo de 68 anos de profissão foram tomadas com a Leica. Eu tenho 60 mil negativos de 35mm. Foi o Zé que inventou essa ideia do telegrama. Eu gostei e aderi. Depois o Luciano, o Eugênio e o Torok também aderiram. Enfim, o 35mm foi ganhando espaço e, com isso, ficou evidente a necessidade de se evoluir em equipamentos. Só então o Ed Keffel providenciou a troca, bem como o sistema de laboratório, e a revista passou a utilizar câmeras formato 35mm. Tudo começou com o José Medeiros.

Paulo Boni – Isso foi no começo da década de 50?

Flávio Damm – Em meados da década, foi lá por 1953 ou 1954.

Paulo Boni – Assim como o José Medeiros, você também fotografou terreiros de candomblé. Você também precisou fazer a iniciação?

Flávio Damm – Sim. Eu fiz fotografias de candomblé para ilustrar o livro *Bahia terra Bahia*, do Jorge Amado, em 1966. Nessa época eu não estava mais em *O Cruzeiro*, e sim já na minha própria empresa/editora, a Image. Eu conheci o Jorge Amado em 1964. Ele sabia que eu fotografava muito a Bahia e um dia me pediu para eu lhe mostrar as fotografias que tinha, pois ele estava para publicar o livro *Bahia de todos os santos*. Ele

viu e gostou. Vendi algumas fotografias para a editora e elas saíram publicadas nesse livro. Então, para responder a sua pergunta, sim fui iniciado no candomblé, eu tenho as minhas contas, cumpri as etapas de iniciação, nome, aquelas danças etc. Depois disso eu procurei o Jorge Amado, em Salvador, para propor um livro sobre a Bahia, com texto seu, fotografias minhas e desenhos do Carybé. Fiquei quatro meses na Bahia e produzi 12.000 fotografias, praticamente todas em preto e branco. Fiz alguma coisa de cor apenas para a capa e culinária, mas eu não faço cor. Na revista *O Cruzeiro* eu nunca fiz cor. Por conta do livro e do tempo que passei na Bahia, o Jorge, que tinha uma relação muito boa com o pessoal do candomblé, inventou de me iniciar para eu poder fotografar uma solenidade de *descida de espírito*, uma festa de eguguns. Então eu fiz a iniciação, aquele negócio todo, o cerimonial, as danças, e recebi minhas contas. Só depois eu fui liberado para fotografar a *descida de espíritos* na Praia das Amoreiras, fora de Salvador.

Paulo Boni – Sua disposição em fazer a iniciação foi pela fotografia ou curiosidade pessoal?

Flávio Damm – Foi mais por uma curiosidade jornalística. Surgiu a oportunidade e eu fiz. A experiência não me marcou, nem me estigmatizou. Isso faz parte da minha vida, assim como um ensaio que eu fiz sobre prostitutas e até hoje ainda não publiquei, permanece inédito. A iniciação, para mim, não teve nada de especial em matéria de crença. Aliás, hoje, não tenho crença nenhuma. Acredito, sim, nesse miserável que está na rua passando fome, nesse eu acredito. Acredito em crianças abandonadas, acredito em quem tem fome, em quem está sofrendo sem hospital, sem emprego, sem escola decente, nesses eu acredito. Aliás, são as únicas coisas em que fazem parte da minha verdadeira fé.

Paulo Boni – Você falou de sua empresa, a Image...

Flávio Damm – Pois é! Depois que eu saí da revista me juntei a outras pessoas e fundamos a Image. Eu era um sócio-diretor, detentor de 31% do capital da empresa. Criamos um departamento editorial e publicamos alguns livros para o governo. Fizemos livros para os governos

de Santa Catarina, Pernambuco, Rio de Janeiro e outros. Eu fotografei para todos esses livros.

Paulo Boni – Como fotógrafo ou como cidadão você se sentiu censurado ou prejudicado pelo regime militar que governou o país de 1964 a 1985?

Flávio Damm – Não. No período do regime militar eu já não estava mais na *O Cruzeiro*, eu estava na Image, onde trabalhei de 1962 a 1974. Por isso, não tive nenhuma relação com o regime, não participei e não sofri nada. A Image fotografava para grandes empresas, como a Petrobras. A nossa empresa tinha 28 funcionários, dos quais cinco ou seis eram fotógrafos, entre eles o Paulo Garcez, um grande fotógrafo. Estávamos instalados em um edifício de três andares, tínhamos cinco laboratórios e um estúdio grande. Eu viajava e trabalhava muito, não tinha tempo para absolutamente nada além do trabalho, por isso não me envolvia em política ou coisa parecida. Assim, o regime militar não me atingiu de nenhuma maneira, nem pessoal e nem profissional. É claro que eu ficava incomodado com algumas notícias, como quando fiquei sabendo do Herzog, das torturas... Mas a mim, diretamente, o regime não afetou senão como cidadão brasileiro.

Paulo Boni – Você continuava trabalhando normalmente?

Flávio Damm – Sim, eu tive um período eminentemente fotográfico na Image. Eu fotografava muitos assuntos específicos, normalmente fotografia industrial. Fazia fotografias aéreas, voava muito de helicóptero para fotografar. Quando houve o alargamento da praia de Copacabana eu fiz um levantamento aéreo para os holandeses. Modéstia à parte, eu era bom de fotografia aérea.

Paulo Boni – Financeiramente, você na foi prejudicado?

Flávio Damm – Nada. Pelo contrário. Eu saí da *O Cruzeiro* em 1959, quando me demitiram. Você sabe por que me demitiram? Eu saí de férias e, no retorno, voltei para a redação de gravata preta. Ninguém usava isto na redação. Assim, ninguém entendeu nada. Alguém me

perguntou por que eu estava de gravata preta, quem havia morrido? Eu respondi que estava de gravata preta porque estava de luto pela burrice do Leão Gondim. Fiz isso porque nossas reportagens estavam sendo preteridas em função do advento à revista do colonismo social. *O Cruzeiro* contratou o jornalista Maneco Miller – que assinava Jacinto de Thormes – e a revista começou a abrir muito espaço para frescuras, vaidades, vulgaridades como “as dez mais isso, as dez mais aquilo...” e eu fiquei muito “puto” porque a gente ralava no fotojornalismo, pegava malária no Tocantins, no Kuluene, no sertão, e a revista deixava nossas reportagens de lado para ocupar espaços com as mais elegantes, a alta sociedade, a peruagem. Achei que isso era uma burrice. Protestei, disse o que me veio à cabeça e, meia hora depois, fui demitido. O Leão Gondim mandou me despedir. Tinha exatos dez anos de revista. Fizemos o cálculo do que eu tinha para receber e recebi um caminhão de dinheiro, afinal eu tinha um salário alto, acrescido, para efeito de indenização, de muitas diárias em dólar, resultado de inúmeras viagens ao exterior. Nos Estados Unidos, por exemplo, eu fiquei morando, como correspondente, durante quatro meses. Com essa grana toda, montei o meu laboratório e comecei a procurar trabalho fora de imprensa. Fui contratado pela Petrobras, que estava desenvolvendo projetos e eu os fotografava. Fotografei o oleoduto Rio – Belo Horizonte. A cada 15 dias eu fazia uma parte do trajeto, a pé. Por isso, sempre brinco que fui do Rio de Janeiro a Belo Horizonte a pé. Mas procurei diversificar os clientes e os trabalhos. A demanda cresceu, precisei ampliar a equipe e aí, em sociedade, fundamos a Image, da qual saí apenas em 1974.

Paulo Boni – Por que? Algum problema?

Flávio Damm – O Yedo Mendonça, que fora chefe de reportagem da *O Cruzeiro*, era um dos sócios. Ele era esquizofrênico já em “estado de não retorno” e chegou um momento em que a nossa relação ficou insuportável. Ofereci minha parte à venda aos outros sócios e eles me ofereceram 10% do valor real que era oito, nove vezes maior. Vendi mesmo assim. Deixei a sociedade e, por influência de um amigo industrial, passei a ser um “homem-meio”, o que os americanos chamam *the man between*.

Paulo Boni – Uma espécie de agente cultural?

Flávio Damm – Mais ou menos. Eu intermediava quem precisava e quem podia oferecer, ou seja, quem faz e quem consome e que, eventualmente, não se conhecem – relação empresa x cliente. Então eu fiz isso, montei um escritório no centro do Rio, e parei temporariamente com a fotografia. Foi um momento bom, ganhei muito dinheiro. Trabalhava para o Banco do Brasil, para embaixadas; trabalhei para governos de estado na publicação de livros, folhetos e cartazes; agenciei trabalhos fotográficos, coisas do gênero. Anos depois eu fechei o escritório e passei a fazer fotografias para exposições e livros. Passei a fazer palestras em universidades, a maioria delas remunerada, e vivo disso: minha aposentadoria, algumas palestras, alguma graninha de direitos autorais, vendo fotografias para museus e colecionadores. Recentemente o Museu de Arte Moderna de São Paulo adquiriu 118 cópias do meu acervo; presto serviços para o Instituto Moreira Salles como o fiz para a publicação de livro sobre a história do fotojornalismo no Brasil, com duas grandes exposições, uma no Rio e outra em São Paulo. E assim vou levando a minha vida, vou anualmente ao exterior, agora sou vagabundo...

Paulo Boni – Flávio, pelo que sei você não fotografa com tecnologias digitais. É isso mesmo?

Flávio Damm – Sim, não tenho digital, não. Conheço câmeras digitais que vejo em vitrines de lojas. Minhas câmeras estão aqui [mostra as câmeras], todas analógicas. Só trabalho com filmes preto e branco, negativos. Eu acho que a digital está “desconstruindo” a fotografia, porque a vulgarizou demais. Por um lado foi positivo, no sentido de popularizar, democratizar, permitir acesso irrestrito à fotografia por quem nunca havia tido uma máquina fotográfica na mão. Mas, por outro lado, tem um aspecto negativo: as pessoas fotografam para nada, fotografam, olham, mostram para os outros e, quando o cartão de memória está completo elas zeram tudo e começam tudo de novo. Jogam fora o que registraram um minuto atrás, simplesmente “deletam”. Ninguém cuida, ninguém domina a técnica, ninguém pensa em arte, ninguém armazena nada para a posteridade. O aproveitamento de fotografias feitas com tecnologias digitais é muito

reduzido. Elas só atendem os interesses da indústria. Mas que a digital facilitou a vida dos fotojornalistas, facilitou. Agora, o jornal *O Globo* está ministrando cursos de vídeo para os fotógrafos. O fotógrafo vai fotografar, aproveitar e filma e o editor irá usar suas imagens sem que ele participe desse processo. Com isso, o fotógrafo pode perder sua identidade. Perde também sua arte. Aquela fotografia feita com cuidado, com a magia do momento decisivo, de você esperar, acompanhar e registrar aquele instante mágico está ficando comprometida... E como toda a responsabilidade está sendo transferida para o editor, o fotógrafo pode passar a ser apenas um apertador de botão. Eu sou um resistente convicto: só uso equipamento analógico e só uso lente normal; eu não uso teleobjetivas.

Paulo Boni – O Cartier-Bresson também não usava.

Flávio Damm – Então eu sou um bressoniano, o que muito me honra. Vejo que há um desvirtuamento do fotojornalismo, pois o fotógrafo de hoje não tem mais a preocupação que nós tínhamos de esperar o momento exato. Ele fotografa e filma continuamente, o tempo todo. É praticamente uma filmagem, ou seja, é uma desconstrução da fotografia.

Paulo Boni – Você usou o termo “desconstrução da fotografia”. Você acha que essa desconstrução vai ter reflexos negativos em médio prazo, como perder a arte ou a linguagem?

Flávio Damm – Ah, vai. Aliás, já tem reflexos negativos em curto prazo. Hoje há uma quantidade de exposições de fotografias duvidosas, de arte duvidosa, instalações, e não sei mais o quê. Mas devo admitir que sempre há quem compre, por isso a culpa não é só das galerias.

Paulo Boni – Você chamaria isso de pseudo-artes?

Flávio Damm – Pessoas se vêm obrigadas a aceitar esse tipo de arte. Se me chamam para fazer uma avaliação de um trabalho desses e eu digo que não gosto, me marginalizam, me execram, me chamam de velho, dizem que estou ultrapassado, que esse negócio de fotografia em preto e branco acabou, passou de época, mudou de linguagem, uma porção de barbaridades. Eu não sei que nome dar a essas experimentações malucas, mas arte propriamente dita não é.

Paulo Boni – No jornalismo, como um todo, e no fotojornalismo, em particular, você acha que perdemos um pouco aquela característica da informação, da investigação, da reportagem?

Flávio Damm – A vantagem para o público leitor, com a utilização dos recursos digitais, é muito grande. Quem perde com a digital é o fotógrafo; ele perde a criatividade, a arte, a maturidade e perde, principalmente, a oportunidade de desenvolver sua sensibilidade, pois tudo ficou muito mecanizado, automatizado. Nós não éramos mecanizados, éramos mais puros, criativos, pensadores, sensíveis, humanos. Eu me sinto identificado com os meus equipamentos analógicos. Com o equipamento digital a pessoa deixa de ser seleta, de ser criativa e passa a ser mera apertadora de botão, em razão das facilidades e do baixo custo que o equipamento proporciona. Mas, repito, o jornal ganha com as tecnologias digitais, pois tudo fica mais fácil, mais rápido, mais barato. Então quem perde não é o leitor, quem perde não é o jornal, quem perde é o fotógrafo. Mesmo assim, existem os que se destacam, ou seja, aqueles que são mais intelectualizados, mais sensíveis, mais bem preparados. Quero deixar claro que eu não estou desvalorizando o profissional que usa câmeras digitais, mas ele poderia estar fazendo outra coisa melhor.

Paulo Boni – Será que daqui a 20 anos eu terei algum fotógrafo do quilate do Flávio Damm, Evandro Teixeira, Pedro Martinelli, Sebastião Salgado ou Ricardo Chaves para entrevistar?

Flávio Damm – Tomara que tenha, mas eu acho que a geração de fotógrafos comprometidos com a arte, com a documentação e com a informação tende a desaparecer.

Paulo Boni – Flávio, você se sente reconhecido e recompensado pelo seu trabalho?

Flávio Damm – Sim. Eu tenho solicitações diárias. Você está aqui, e isto é uma prova desse reconhecimento. Além disso, eu tenho uma coluna na revista *Photo Magazine*, na qual eu tenho total liberdade de escrever o que bem entender. Acho que essa liberdade é um reconhecimento. Sou convidado a proferir palestras em universidades, a prestar consultorias.

Agora o Instituto Moreira Salles me chamou para participar de uma pesquisa feita sobre o papel da *O Cruzeiro* na história do novo fotojornalismo, resultando em um trabalho magnífico: *As origens do fotojornalismo no Brasil*, do qual participei, tanto nas exposições quanto no livro. Assim eu me sinto, sim, reconhecido pelo meu trabalho. Aliás, com relação ao reconhecimento, eu vejo isso magnificamente bem, porque estou sempre ocupado, muito mais do que você imagina.

Paulo Boni – Deixei de perguntar alguma coisa importante que você queira abordar? Quem é Flávio Damm, por exemplo?

Flávio Damm – Não. Sou um sujeito realizado, mas inconformado. Eu não sinto falta de nada, nem de dinheiro. Eu estou bem, não sou rico, mas com respaldo para levar uma vida normal e não preciso mais do que isso. Mas a fotografia me fez descrente de muita coisa. Sou um inconformado com as desigualdades sociais. Fico muito amargurado em ver crianças com fome, miséria, gente morrendo. Sofro muito com isso. Esse, com certeza, não é o mundo que meu pai imaginou para mim e para meus três irmãos. Mas, independente disso, procuro viver da melhor forma possível. Eu penso em fotografia 24 horas por dia. Sinto-me feliz com a fotografia, ela me traz felicidade. Eu sou um cara feliz, satisfeito, moro em um lugar ótimo de uma cidade “maravilhosa”, sou conhecido e muito bem quisto no meu bairro e sou casado com uma mulher fantástica, uma excelente companheira de e para todas as horas. É preciso mais que isso?

Paulo Boni – Flávio, muito obrigado pela simpatia, pela entrevista, pela sinceridade...

Flávio Damm – Não tem nada que agradecer. E vamos tomar um café que a mesa já está posta...